

Artigo recebido em:
31.10.2017
Aprovado em:
26.12.2017

Anna de Carvalho
Cavalcanti

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS.

E-mail: annacavalcanti@gmail.com.

Apontamentos sobre as definições de jornalismo cultural nos anais da SBPJor: 10 anos de análise sobre a mediação da cultura

Anna de Carvalho Cavalcanti

Resumo

Este artigo tem o objetivo de analisar as definições de jornalismo cultural encontradas a partir do mapeamento de um repositório nacional de referência, os anais da Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo (SBPJor). A partir desse referencial, foi realizada uma análise panorâmica dos dados referentes a dez anos de produção no evento, chegando aos cinco autores mais citados sobre o conceito: Cida Golin, Everton Cardoso, Daniel Piza, Sergio Gadini e José Salvador Faro. As principais ideias encontradas nas definições remetem a um processo de mediação temporal distinto, pautado por padrões de contextualização e valoração estética. Encerramos as reflexões reconhecendo o conjunto de trabalhos como um lugar plausível de mapeamento sobre consensos e fissuras presentes nas definições de jornalismo cultural durante o período das publicações.

Palavras-Chave: Jornalismo Cultural. Análise de Conteúdo. SBPJor.

Abstract

This article aims to analyze the definitions of cultural journalism found from the mapping of a national reference repository, the Brazilian Association of Journalism Researchers (SBPJor). Based on this reference, a panoramic analysis of the data referring to ten years of production in the event was carried out, reaching the five authors most cited on the concept: Cida Golin, Everton Cardoso, Daniel Piza, Sergio Gadini and José Salvador Faro. The main ideas found in the definitions refer to a distinct process of temporal mediation, based on patterns of contextualization and aesthetic valuation. We conclude the reflections recognizing the set of works as a plausible place of mapping on the consensus and fissures present in the definitions of cultural journalism during the period of the publications.

Keywords: Cultural Journalism. Content Analysis. SBPJor.

Quando se dá os primeiros passos para ingressar na pesquisa científica, uma das principais formas de se ter acesso a um determinado conteúdo é através da pesquisa em repositórios de referência. Esse primeiro referencial encontrado é fundamental para balizar um entendimento inicial acerca do assunto e formar um primeiro estado da arte, continuamente em processo, que virá nortear trabalhos subsequentes.

Esses repositórios têm como proposta nos assegurar da preservação desses trabalhos para acesso no presente e no futuro. Dessa forma, entende-se que os artigos encontrados atendem aos critérios de “documento”, não apenas por serem o suporte físico da informação, mas pensados como agentes sociais (DODEBEI, 2011), isto é, em vez de questionarmos “o que é esse documento”, a pergunta deve ser “o que faz esse documento?”. Ou seja, esses artigos documentais não nascem patrimônios memoriais, mas tornam-se a partir do seu valor simbólico para uma determinada sociedade. Adota-se aqui o entendimento de que os artigos de repositórios assumem o caráter de documento pela sua significação, e essa determinação é fruto de disputa entre os envolvidos no tema.

Nesse sentido, ao revisar a contribuição de anais e periódicos reconhecidos e legitimados em uma área, obtém-se uma panorâmica sobre as diversas formas de pensar e construir o campo, reconhecendo ali uma fonte profícua de interpretação de mapas sobre a realidade de um conceito. O olhar de pesquisadores acerca do jornalismo cultural e o que escrevem a esse respeito constrói e afiança a legitimidade do que se pensa acerca do campo. Tendo em vista a importância de um resgate a contrapelo, considero fundamental exercer um esforço epistemológico e temporal sobre as definições de jornalismo cultural. Dessa forma, não tenho como objetivo imediato me ater a uma definição específica, mas tornar o trabalho um espaço aberto para dar entrada a possíveis irrupções e fissuras conceituais.

Este artigo, assim, tem como objetivo apresentar uma panorâmica da produção científica sobre jornalismo cultural, tomando por base um repositório de referência nacional na área, os anais dos Encontros da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Pretende reunir, organizar e sistematizar uma parte do conhecimento acadêmico-científico brasileiro sobre a temática, dando ênfase ao conceito de jornalismo cultural que os autores propõem. Os anais da SBPJor se mostram um lugar legitimado para a pesquisa, consolidado como o principal fórum brasileiro para a discussão acadêmica do jornalismo como campo científico. Atualmente, de acordo com a Associação, são mais de 500 associados, metade deles doutores, vinculados a mais de cem instituições brasileiras, dos Estados Unidos, França e Portugal. Essa visibilidade, inclusive internacional, reforça a importância de analisar esse repositório, conforme proponho a seguir.

¹<http://sbpjour.org.br/>.

²Quando se busca diretamente no link referente aos anais, o repositório não é disponibilizado e surge um ícone explicando que o site está em construção. Apesar dessa indisponibilidade, existe outro mecanismo de busca, na chamada “sala de pesquisa”, onde há a possibilidade de encontrar os trabalhos a partir do autor, título, ano, resumo e palavras-chave. Sendo assim, não há um local exato onde possamos encontrar todos os artigos reunidos, ano a ano, disponível no site, mas na sala de pesquisa é possível realizar uma busca avulsa por cada artigo.

Procedimentos de investigação: leitura panorâmica dos dados

Inicialmente, as buscas foram realizadas em caráter exploratório, contemplando somente o repositório da SBPJor, contando 32 artigos publicados a respeito do tema. A pesquisa foi executada em março de 2017 e contemplou todo o repositório disponibilizado no site¹ para acesso² do público. Percebe-se que, apesar de os anais referentes a 2016 já estarem publicados, a sala de pesquisa não filtrava mais os artigos por palavras-chave a partir de 2014, tornando inviável a pesquisa por esse ano e por 2015. Sendo assim, os artigos levantados referem-se ao período de 2003 a 2013, recorte que inclui desde o primeiro Encontro até o ano em que o site disponibiliza para pesquisas.

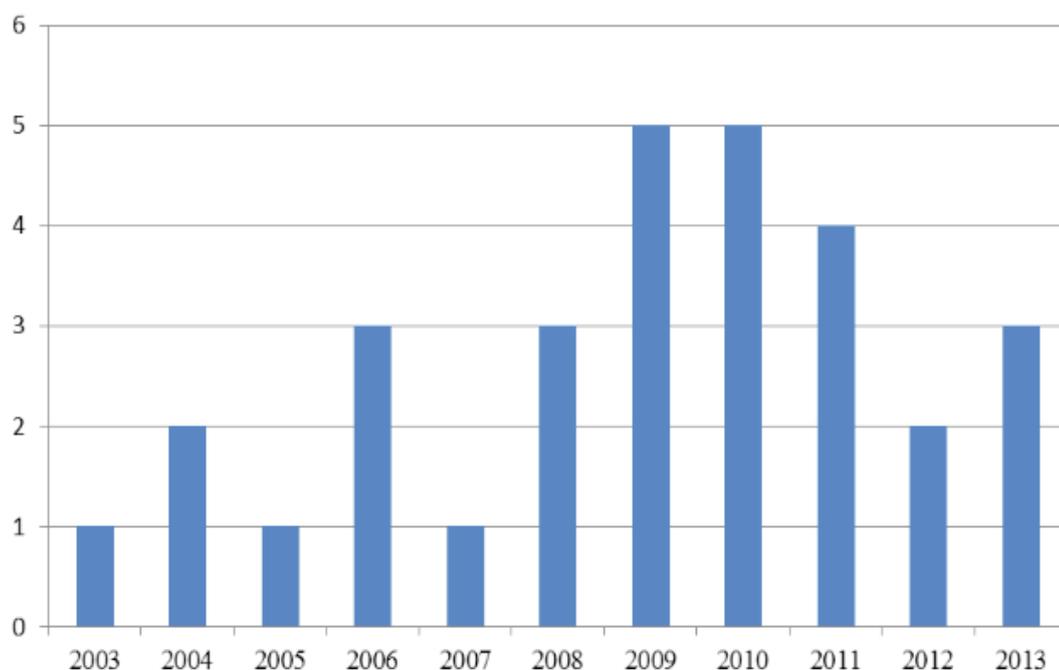
Toda a coleta foi feita empregando como palavra-chave o termo composto “jornalismo cultural” com o propósito de direcionar bem as pesquisas a trabalhos

que trouxessem definições acerca do tema. Os artigos levantados totalizaram 32, incluindo dois de minha autoria, os quais serão descartados ao longo da análise, fechando em 30 trabalhos. Consideramos que alguns artigos sobre a temática podem ter ficado fora da pesquisa, contudo, neste caso, demos prioridade aos trabalhos que tinham a palavra-chave mencionada, para fins de análise.

Os textos foram analisados e categorizados conforme alguns aspectos: autoria; instituição de origem; ano de publicação; objetos de pesquisa; autores mais utilizados da área; e, por fim, a qual definição de cultura fazem referência. No conjunto, são predominantes os artigos escritos por autores advindos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (36%), número significativamente maior que da segunda, a Universidade Estadual de Ponta Grossa (13%). As outras universidades não chegaram a pontuar de forma expressiva, contando um ou no máximo dois artigos em dez anos de congresso.

Em termos de data de publicação, percebe-se, no gráfico a seguir, que todos os artigos foram publicados a partir de 2003, ano em que o Encontro da SBPJor começou a acontecer. Ainda que haja uma média de três textos/ano, o número de artigos publicados em cada período varia entre um (2003, ano em que o Encontro começou) e cinco (2009 e 2010, anos de pico na produção sobre o tema).

Gráfico 1 – Número de artigos publicados por ano na amostra analisada.



Fonte: Autora, 2017.

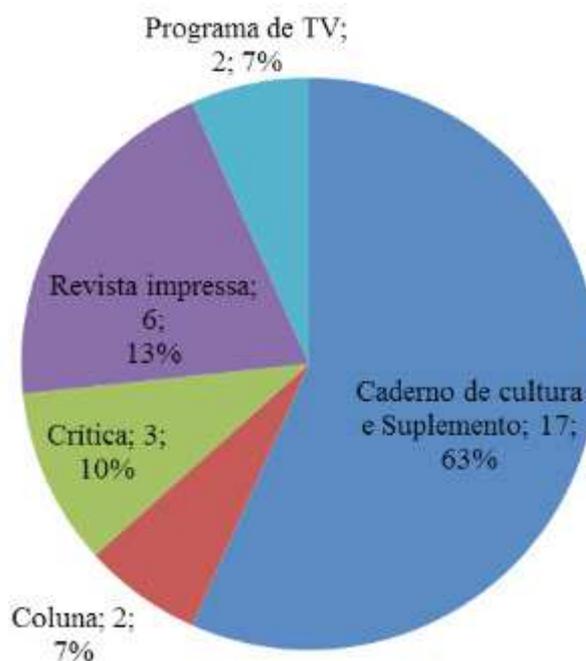
Entre os autores que escreveram os textos com maior recorrência estão Cida Golin (UFRGS; 20%), Ana Gruszynski (UFRGS; 13%), Sergio Gadini (UEPG; 13%), Everton Cardoso (UFRGS; 10%), Sara Keller (UFRGS; 10%)³ e Ana Laura Freitas (UFRGS; 6%). Como a derradeira autora teve dois artigos publicados, todos os outros restantes da lista contam apenas um. O fato de boa parte dos artigos ser advinda da UFRGS é refletido pelos autores acima, todos participantes do Núcleo de Estudos em Jornalismo e Publicações Culturais do Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD), instalado na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico).

Sobre os objetos contemplados nos trabalhos, percebe-se que há uma relação clara com a diversidade temática referente ao enquadramento do jornalismo cultural. São amplos e diversificados os objetos abordados, a exemplo do que o próprio

³Keller e Cardoso apareceram sempre em co-autoria com Golin nas pesquisas feitas.

gênero produz: da mediação artística aos temas de comportamento, tudo parece caber na pauta da cultura. Nos estudos, conforme vemos a seguir no gráfico, a predominância é de textos que analisam os cadernos de cultura e suplementos (63%).

Gráfico 2 – Categorização dos textos da amostra conforme os objetos trabalhados.

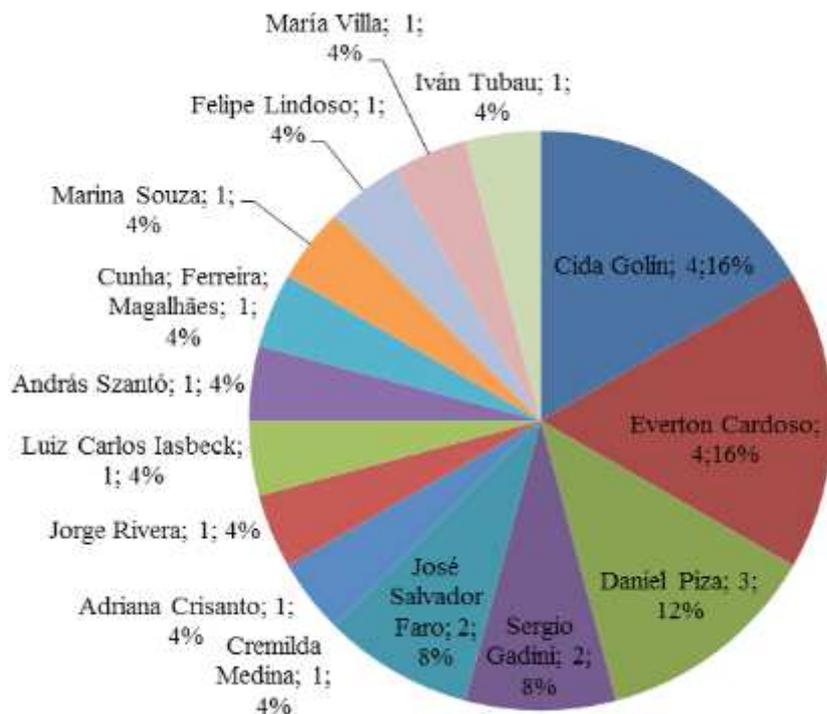


Fonte: Autora, 2017.

Os trabalhos relativos à análise de cadernos e suplementos tendem a pesquisar esses espaços do jornal impresso a partir de variados vieses, perpassando estudos museológicos (ALFONSO, 2010), poéticos (OLIVEIRA, 2010) e relativos à cidade (GOLIN; KELLER; CARDOSO, 2011). Predominam em seguida as pesquisas em torno das revistas impressas, analisadas por 13% dos autores. Essa maioria reflete que, ao longo do período estudado, havia uma preferência pela leitura analítica e pela pesquisa desses espaços que, atualmente, têm sido suprimidos de grandes jornais e editoras, como é o caso do Estadão com o extinto suplemento Sabático, pesquisado por Müller (2013), e da revista *Bravo!* impressa, estudada por Vogel e Silva (2009). A respeito das temáticas mais abordadas, percebeu-se uma recorrência de estudos sobre música (FREITAS, 2009; 2011; PRYTHON; TELLES, 2004; BOLLOS, 2005) frente a outras possíveis temáticas dentro do amplo escopo do jornalismo cultural.

Como o objetivo central deste artigo é dar ênfase às conceituações de jornalismo cultural, foi feita a identificação de quais autores são mais utilizados na área para inferir sobre o tema. Após o mapeamento dos 30 artigos, identificaram-se os seguintes autores citados, conforme o gráfico a seguir.

Gráfico 3 – Autores que conceituam jornalismo cultural e o número de vezes em que aparecem nos artigos.



Fonte: Autora, 2017.

⁴Cardoso foi citado apenas uma vez sozinho, com referência ao seu trabalho de dissertação, “Enciclopédia para formar leitores – a cultura na gênese do Caderno de Sábado do Correio do Povo (Porto Alegre, 1967-1969)”, defendido em 2009 no PPGCOM/UFRGS. Nas outras ocasiões, é citado juntamente à Golin, com o texto “Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade”, publicado em 2010.

Os 14 autores foram identificados conforme o aparecimento de citações suas ao longo dos trabalhos, referenciando-se diretamente a respeito do conceito de jornalismo cultural. Essas referências, encontradas em citações diretas e indiretas, foram compiladas e organizadas em um estado da arte conceitual, o qual será analisado ao longo deste artigo.

Os dois autores mais citados, Cida Golin (16%) e Everton Cardoso⁴ (16%) refletem a incidência maior de publicações da UFRGS, conforme mencionamos anteriormente – ambos são citados em três artigos dessa instituição. Além deles, os nomes de Daniel Piza (12%), Sérgio Gadini (8%) e José Salvador Faro (8%) também aparecem entre os mais eminentes. Destaca-se que esses autores mais citados possuem trabalhos referenciais na área, refletindo experiência teórica e prática em suas produções, ou seja, são reconhecidos e legitimados no campo.

É válido destacar que alguns textos (FREITAS, 2009; OLIVEIRA, 2010; MENDES, 2013; ARANTES, 2013) citavam mais de um autor fazendo inferências sobre o termo, o que é interessante da perspectiva do contraponto e do enriquecimento teórico do trabalho. Em oposição, dez artigos não continham uma definição explícita sobre jornalismo cultural, apesar de o mencionarem ao longo do texto. Alguns entre esses, apesar de o termo estar entre as palavras-chave e, algumas vezes, no título, sequer citavam-no novamente no corpo do trabalho.

Essa análise panorâmica acerca dos dados obtidos a partir do estado da arte das publicações serve de ponto de partida para que possamos, a partir de agora, nos concentrar no conteúdo das definições de jornalismo cultural apontadas pelos autores mencionados. Pensar acerca dessas definições e problematizá-las é fundamental no sentido de renovação e ampliação do campo, considerando a importância e o destaque que elas têm na fundamentação teórica da área.

“Jornalismo cultural”: as diversas nuances de uma definição

Ainda que a amostra levantada seja restrita, consideramos que o conjunto de textos analisados e as suas respectivas definições sobre jornalismo cultural contêm pistas significativas e representativas do que se entende sobre o tema, em um contexto mais abrangente. Ao todo, dos 30 textos referentes à amostra analisada, 19 trazem conceituações acerca do termo. A partir da leitura de cada uma delas, percebe-se que alguns significados merecem ser destacados e analisados, conforme propomos aqui.

Ao apurar determinados parâmetros estabelecidos pelos teóricos de jornalismo cultural para cobrir o sistema da cultura, verificou-se alguns traços em comum entre as considerações. Para começar, refletindo juntamente aos que se sobressaíram em número de vezes que foram citados conceituando o termo, temos os seguintes excertos. Os primeiros são de dois artigos diferentes, mas com autores semelhantes, Golin e Cardoso:

O jornalismo cultural dinamiza, **documenta**, avaliza o sistema cultural, age na **formação de públicos** e fornece **parâmetros interpretativos** da cultura de um determinado período e local [...]. Por meio dos limites de suas estratégias discursivas e das escolhas editoriais, realiza a importante **função de mediação**, aproximando o público da **experiência da arte**, do pensamento e da cultura. A divulgação de uma obra de arte é mecanismo obrigatório para sua própria existência (GOLIN; CARDOSO; GRUSZYNSKI; KELLER; VAZ, 2008, grifo nosso).

[O jornalismo cultural] **converte códigos** artísticos e literários – **herméticos** e **esotéricos** – em linguagem mais ampla, adequada a um auditório maior [...] (GOLIN; CARDOSO; KELLER; MUZYKANT, 2010, grifo nosso).

Identificamos, então, de acordo com os autores, características do jornalismo cultural que apontam para um tempo mais processual, que pode converter códigos herméticos a um público mais amplo através dessa importante função de mediação, que propõe uma possível aproximação com a experiência da arte. Além disso, eles mencionam o caráter documental e interpretativo, condicionando uma mediação intrinsecamente relacionada a um tempo histórico.

Em seguida, buscamos novas pistas de leitura sobre o termo com Daniel Piza:

Na posição de **herdeiro do ensaísmo** humanista, portanto, o jornalismo cultural teria sido parte do movimento iluminista, ampliando o acesso à filosofia ao transportá-la do enclausuramento da Academia para o espaço público dos clubes e cafés (PIZA *apud* FREITAS, 2009, grifo nosso).

Para Daniel Piza, esse segmento tem como função também **contextualizar** a obra que está sendo apreciada. **Revirar o passado** do seu criador de forma a desvendar quais foram as suas expirações para fundamentar a **análise** com **argumentos sólidos transpondo a superficialidade** do gostei ou não gostei (PIZA *apud* JOHN, 2011, grifo nosso).

Percebe-se nos excertos acima a referência ao ensaio, intimamente relacionado às capacidades de contextualização, análise e argumentação, termos também selecionados por Piza (2004) para caracterizar o jornalismo cultural. É a partir de uma fundamentação sólida que o autor acredita ser possível transpor a superficialidade, ressaltando aspectos, implicitamente, do gênero crítica. A ideia de revirar o passado remete, novamente, a um caráter documental e histórico, características intimamente relacionadas à necessidade de repertório no gênero, tanto por parte de quem escreve quanto de quem lê.

Seguindo com as definições dos autores mais mencionados, acompanhamos duas definições de Gadini:

Compreendem-se por Jornalismo Cultural **os mais diversos produtos e discursos** midiáticos orientados pelas características tradicionais do jornalismo (**atualidade**, universalidade, interesse, proximidade, difusão, **objetividade**, clareza, dinâmica, singularidade etc.) que ao pautar assuntos ligados ao campo cultural, instituem, **refletem/projetam** (outros) modos de pensar e viver dos receptores, efetuando assim uma **forma de produção singular** do conhecimento humano no meio social onde o mesmo é produzido, circula e é consumido (GADINI apud SELIGMAN, 2004, grifo nosso).

Assim, diz-se que o jornalismo cultural, como toda ‘invenção’ discursiva, oscila entre a reprodução do já existente e disponível para o consumo e a **criação parcialmente permitida** e existente nessas editorias (GADINI, 2008, grifo nosso).

Quando o autor se refere aos “mais diversos produtos e discursos” dispõe ao “cultural” uma perspectiva antropológica, ampla, de abertura, onde tudo parece caber sob a ótica do aprofundamento e do caráter ensaístico. Colocar essa ideia de cultura sob os crivos de tradicionais valores-notícia do jornalismo, como atualidade e objetividade, é pensá-lo de forma muito mais produtiva do que processual – muito mais jornalística do que cultural – ao contrário do que viemos acompanhando até aqui pelos outros autores. Quando se afirma sobre a capacidade de refletir e projetar outros modos de pensamento a partir de formas diferentes de mediação há que se abrir espaço para repensar acerca dos valores que circundam essa produção. Sendo um gênero cuja criação é parcialmente permitida, ou seja, é uma forma de produção singular dentro do jornalismo, como isso pode ser possível a partir do mesmo tempo noticioso factual? Uma questão inicial que nos abre para reflexões que virão em seguida.

O quarto nome mais citado, tendo o mesmo número de menções que Gadini, é José Salvador Faro, que reitera algumas ideias já sugeridas por outros autores e acrescenta sobre o termo:

Uma de suas características, de acordo com Faro, seria abrigar o trânsito pela **avaliação** e **análise** da produção simbólica capaz de garantir aos periódicos a **legitimidade interpretativa** [...] um universo geralmente constituído por suplementos de jornais diários ou revistas especializadas, constituindo-se naquilo que Faro chama de “**plataforma interpretadora**” (FARO apud ALFONSO, 2010, grifo nosso).

Trazendo mais uma vez as contribuições de J.S.Faro, o Jornalismo Cultural constitui-se como um gênero marcado por uma “[...] forte **presença autoral, opinativa e analítica** que **extrapola a mera cobertura noticiosa**, identificando-se com movimentos estético-conceituais e ideológicos que se situam fora do campo das atividades da imprensa” (FARO *apud* GUIMARÃES, 2007, grifo nosso).

Faro reafirma o caráter heurístico presente no jornalismo cultural, garantido pela capacidade e necessidade de avaliação e análise próprias do gênero. Identifica-se, mais uma vez, uma mediação temporal mais processual, tendo em vista o destaque que o autor dá ao gênero, chamando-o de plataforma interpretadora. Existe, assim, um tempo específico que envolve as ações de avaliar, analisar e interpretar, tanto por parte de quem lê quanto de quem escreve. Essa mediação temporal diversa “extrapola a mera cobertura noticiosa”, tendo em vista as características textuais, mais opinativas e analíticas. A forte presença autoral citada diz respeito aos grandes nomes, críticos, colunistas, ensaístas, cuja liberdade de escrita deixa marcas personalizadas no texto, indo ao encontro do que mencionou Gadini, ao falar da “criação parcialmente permitida”. Há um sentido de liberdade textual que se sobressai ao longo das conceituações sobre o gênero.

Após esse breve percurso em torno das conceituações mais citadas e recorrentes sobre o termo, percebe-se que algumas ideias centrais parecem se repetir e podem ser condensadas em torno de duas questões principais, as quais serão discutidas a seguir: a mediação e o tempo. Ao reiteradamente apontar para um lugar de temporalidade fugidia, que não necessariamente se adapta ao contexto de velocidade irrefreada da mídia, identifica-se a importância de pensarmos acerca desses pontos à luz do jornalismo cultural.

A mediação temporal no jornalismo cultural

Com base nos indicadores mais frequentes encontrados nas definições acima abordadas, propõe-se uma reflexão acerca de aproximações e dissensos encontrados sob o ponto em comum da mediação temporal. Diante da pregnância simbólica de ambos os termos – mediação e tempo – entende-se que “a mediação compreende uma vasta gama de intersecções entre cultura, política e comunicação e equaciona as diferentes apropriações, recodificações e ressignificações que ocorrem na produção e recepção dos produtos comunicacionais” (BASTOS, 2012, p. 64).

Esse processo de recodificação e ressignificação, frente aos códigos muitas vezes herméticos do jornalismo cultural, remetem-nos a um relacionamento de segmentos pertencentes a sequências de acontecimentos contínuas: fruição, experiência estética, análise, produção autoral, leitura, interpretação, reflexão – para utilizar alguns dos termos apresentados nas conceituações. Enquanto sequências perceptíveis concatenadas, relacioná-las representa a elaboração processual dessas vivências pela experiência humana. Isso encontra expressão em um símbolo social comunicável – a ideia de tempo, a qual, “permite transmitir de um ser humano para outros imagens mnêmicas que dão lugar a uma experiência, mas que não podem ser percebidas pelos sentidos não perceptivos” (ELIAS, 1998, p. 13).

O tempo exerce de fora para dentro uma coerção que se propõe, principalmente, a suscitar o desenvolvimento de uma autodisciplina nos indivíduos. Essa regulação social, que surge muito precocemente, contribui para consolidar nossa consciência pessoal do tempo e é enfatizada por outros dispositivos reguladores temporais utilizados na sociedade, como o jornalismo. Nesse sentido, sabe-se que os primei-

ros objetivos do jornalismo são exercer a função pública de informar e oferecer o presente social (GOMIS, 1991; FRANCISCATO, 2005; KARAM, 2005). Portanto, o tempo jornalístico é produtor de memória e propositos de condutas (PRADO, 2003). A partir de um enquadramento intrinsecamente periódico, a sua temporalidade regula condutas e, também, produz memória fazendo referência a um presente das coisas passadas.

Para Muniz Sodré (2008), a noção de mediação está baseada em “formas reguladoras do relacionamento em sociedade”, ideia que, vinculada ao enquadramento do tempo enquanto regulador social, reforça o sentido de que a mediação jornalística formula uma determinada experiência temporal por meio da circulação, trânsito e negociação entre campos e personagens distintos. No caso do jornalismo cultural, percebe-se uma tensão permanente entre a velocidade da produção jornalística e o movimento da realidade a que se refere (GOMIS, 1991; FRANCISCATO, 2005), a qual se reflete em processos mais livres de mediação encontrados no gênero, conforme sugerem Piza e Faro ao mencionar as necessidades de contextualização e análise para transpor a superficialidade factual do jornalismo cotidiano.

Assim, entende-se que o discurso do jornalístico factual é um discurso automatizado frente às necessidades práticas do caráter empresarial que o jornalismo assume. A própria natureza do conceito de notícia e sua temporalidade veloz retiram do texto jornalístico a possibilidade de produzir a carga simbólica da qual a cultura não pode prescindir e, portanto, reflete-se nesse espaço cujo experimentalismo e hibridismo são característicos. As características peculiares do jornalismo cultural refletem processos mais livres de mediação desde os seus primórdios, sendo assim, caracterizando-se por assuntos mais amenos, variados e aparentemente superficiais, esse espaço no jornal vai de encontro à necessidade institucionalizada pelo jornalismo de criar um conhecimento útil, caracterizada por uma informação geralmente descritiva e objetiva.

A necessidade de plausibilidade e de imediata comprobabilidade recuperam a necessidade de suprir o efeito de real no jornalismo também simulado pela ideia de tempo real, sugerido por Zelizer (2014) como efeito de contemporâneo. Ao colar o jornalismo como algo específico do presente, a notícia condensa sempre esse ideal do tempo do agora; contudo, como a composição textual da notícia engendra o tempo dos acontecimentos e produz esse sentido de atualidade? Ela o faz articulando as dimensões de passado, presente e futuro, condensando um triplo presente (RICOEUR, 1994; GARCIN-MARROU, 1996).

Essa condensação do triplo presente equivale a dizer que o fato não é necessariamente pontual, podendo ser “maior” do que o acontecimento em si, tendo em vista as necessidades de contextualização relativas ao jornalismo cultural. São fatos que possuem uma relação anterior obrigatória, que nem sempre cabem no que se reproduz enquanto notícia. É desse modo que, no caso, permite-se o desdobramento temporal da notícia a partir de sua mediação, no sentido de instalar a possibilidade de demonstrar as causas e efeitos de um determinado acontecimento por meio de sua relação com o passado.

Sabendo o jornalismo cultural como um lugar que aproxima o público da experiência da arte e do pensamento (GOLIN; CARDOSO, 2008; 2010), o movimento regular que estrutura a notícia nesse gênero é caracterizado por uma pontuação rítmica menos acelerada. Em geral, a enunciação jornalística produz notícias a partir de relatos fragmentados, marcados pelo ideal da objetividade, com a intenção exclusiva de informar, divulgar fatos conforme ocorrem a fim de produzir um relato veraz, veloz e informativo. Pretendem criar o efeito de real, confirmar e reafirmar a realidade fática, reproduzir um “espelho do real” (MOTTA, 2012). Que experiências cognitivas afinal esse tipo de relato noticioso proporciona? Experiências predominantemente fáticas ou também estéticas, relativas à experiência da arte?

Há, então, uma pontuação rítmica que se esgarça quando pensamos na passagem do acontecimento cultural à notícia, especialmente no que diz respeito à mediação e ao sentido de experiência que predomina. Essa pontuação, associada ao sentido de experiência estética, vai totalmente de encontro ao ritmo das notícias duras (*hard news*), mais descritivas e objetivas, cuja identidade narrativa é menos visível.

Colocado sob um ritmo de produção processual, em vez de responder mecanicamente às seis tradicionais perguntas (o quê, quem, quando, onde, como e por quê), o *lead* em jornalismo cultural perpassa uma série de singularizações, muitas vezes metafóricas, contextuais e relacionais que, de modo criativo – referente à criação – chamam o leitor à reflexão, para além do caráter informativo noticioso. Sendo o jornalismo cultural esse terreno ainda fértil para as experimentações, nada mais essencial para o gênero do que refletir sobre a sua temporalidade frente à necessária velocidade da produção noticiosa atual.

Considerações finais

A profusão de conceituações relativas ao termo cultura revela, em parte, o que encontramos quando pesquisamos sobre jornalismo cultural. A união dessas duas palavras – jornalismo e cultura – reflete uma produção de amplo horizonte de realização que possui como ponto de encontro o gênero acordado como jornalismo cultural. Com base nos indicadores mais frequentes encontrados nas conceituações que foram abordadas ao longo deste trabalho, discutiram-se alguns eixos temáticos e de perspectiva de abordagem do jornalismo cultural enquanto formador de público, herdeiro do ensaísmo, conversor de códigos artísticos e literários etc. Do que foi mapeado, percebeu-se que, à revelia de uma demanda enfática por parte das culturas periféricas ou marginais, o campo continua reforçando características relativas ao aspecto “letrado”, limitando-se quase sempre a referenciais elitizados. Apesar desses aspectos enlevados, a orientação apontada pelas definições vai ao encontro de um processo de mediação temporal mais lento, em oposição ao que é realizado no jornalismo cotidiano.

Ainda que a lógica do entretenimento, aliada à ascensão do jornalismo de serviço, atue em uma gradual e cada vez maior redução do espaço outrora ocupado pela crítica e pelo ensaísmo, o jornalismo cultural foi reconhecido e definido, ao longo do período mapeado de dez anos, como uma prática que estrutura a reflexão e a produção noticiosa a partir de referenciais temporais diferentes do ritmo factual. Em todas as conceituações abordadas, observou-se que há referências a uma lógica que gira em torno de uma apreciação estética, por parte do jornalista e do seu leitor, considerando o modo de dizer e o modo de ler.

Dessa forma, percebe-se que a abordagem de um determinado produto ou assunto – que em outras editorias seriam tratados de modo geralmente fragmentado – é tratada de maneira específica, na perspectiva de uma apreciação, comentário ou análise realizada de forma autoral por profissionais que apresentam repertório acerca do tema. Essa é a lógica específica que perpassa e constitui a produção nos cadernos e suplementos culturais brasileiros e é endossada nas definições propostas. Considerando a mediação temporal diferenciada, supõe-se que o espaço exíguo destinado ao gênero esteja gradualmente desaparecendo e subsumindo ao tempo hegemônico do jornalismo digital.

O fato de a maioria dos trabalhos apresentada no estado da arte trazido aqui ter como objeto cadernos de jornais, suplementos e revistas impressas reflete a relação que esse espaço ainda tem com uma mediação temporal e cultural mais processual do que necessariamente produtiva. Os valores da cultura letrada que balizam o impresso se identificam de forma categórica como paradigma hegemônico no con-

junto das pesquisas considerando as conceituações trazidas pelos autores. A crença na mediação da experiência da arte e no ideal de formação evidencia o quanto as conceituações refletem valores impressos que, atualmente, talvez não sejam mais consoantes com a temporalidade da internet.

Ainda que marcado por singularidades relativas ao tempo e ao consumo, o jornalismo cultural é, atualmente, afetado pela lógica de valorização do presente urgente da internet e pelas dinâmicas do ambiente online em blogs, sites e redes sociais. Apesar de o webjornalismo cultural estar inserido nesse fluxo de rápida produtividade e atualização que o meio digital circunscreve, identificou-se que há um sentido de fluxo temporal relativo ao gênero que perdura desde o impresso até o online, igualmente marcado pelo ritmo processual de produção (DALMASO; CAVALCANTI, 2017) pontuado aqui, nos artigos analisados.

O conjunto dos trabalhos e as conceituações mencionadas neles projetam documentos que permitem a reflexão acerca de uma temporalidade específica do jornalismo cultural, como um mapa possível para interpretação dos temas e consensos vigentes sobre o conceito em uma determinada época. Dada a imprescindibilidade do espectro simbólico que permeia sua prática, a partir das conceituações abordadas, sugere-se um pensamento sobre o jornalismo cultural para além de formas duras e tecnocráticas, sem abdicar da sua perspectiva temporal mais ampla.

Dessa forma, propomos pensar o termo para além das características consolidadas aqui e dos produtos comumente aferidos: o jornalismo cultural se reflete a partir de um modo processual de criação, apontando para um passado em permanente latência a partir de um olhar crítico e seletivo. Ao que parece, conforme vimos ao longo deste artigo, o tempo do jornalismo aponta para um lugar e o tempo da cultura para outro, como uma bússola que se esgarça continuamente à medida que suplementos e revistas vão desaparecendo de nosso já parco referencial de publicações impressas.

Referências

ALFONSO, Luciano. Personalização como estratégia discursiva do jornalismo. In: **Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Luís, 2010.

ARANTES, Carla. Além da agenda cultural: uma análise do quadro “Qual é a boa?”, do JPB 1ª edição. In: **Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Brasília, 2013.

BASTOS, Marco Toledo. Medium, media, mediação e midiatização: a perspectiva germânica. In: Jr. Janotti, Jader; Mattos, Maria Ângela; Jacks, Nilda. In **Mediação & Midiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

BOLLOS, Liliana Harb. A música no jornal: A recepção crítica do fenômeno Bossa Nova e suas implicações na cultura brasileira. In: **Anais do III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Florianópolis, 2005.

DALMASO, Silvana; CAVALCANTI, Anna. O webjornalismo cultural e suas referências de temporalidade: um estudo do Nexa jornal. In: **Anais do XV Congresso Ibero-Americano de Comunicação**, Lisboa, 2017.

DODEBEI, Vera. Cultura Digital: novo sentido e significado de documento para a memória social?. **DataGramZero** - Revista de Ciência da Informação, vol. 12, n. 2, 2011.

FREITAS, Ana Laura de. Um “homem de letras” no mundo dos discos. In: **Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Paulo, 2009.

FREITAS, Ana Laura de. A crítica jornalística como mediação: um estudo da coluna Os melhores discos clássicos, de Herbert Caro, no Caderno de Sábado do Correio do Povo (1968-1980). In: **Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Rio de Janeiro, 2011.

GADINI, Sergio. O Jornalismo Cultural na Era da Indústria do Entretenimento. In: **Anais do I Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Brasília, 2003.

_____. Grandes Estruturas Editoriais dos Cadernos Culturais: Principais Características do Jornalismo Cultural nos Diários Brasileiros. In: **Anais do II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Salvador, 2004.

_____. A lógica do entretenimento no jornalismo cultural brasileiro. In: **Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Porto Alegre. Anais, 2006.

_____. Breves sugestões e estratégias (metodológicas e contextuais) para compreender os processos editoriais no Campo Cultural. In: **Anais do VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Paulo, 2008.

GARCIN-MARROU, Isabelle. L'événement dan l'information sur l'Irlande du Nord. **Réseaux**, Paris, n.76, p. 47-60, 1996.

GOLIN, Cida; GRUSZYNSKI, Ana; CARDOSO, Everton; KELLER, Sara; VAZ, Tales. Cultura na primeira página: o jornal Diário do Sul e a representação do sistema artístico-cultural. In: **Anais do VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Paulo, 2008.

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton; KELLER, Sara; MUZYKANT, Priscila. Jornalismo e representação do sistema cultural: a identidade das fontes na cobertura de cultura do jornal Diário do Sul (Porto Alegre, 1986-1988). In: **Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Luís, 2010.

GOLIN, Cida; KELLER, Sara; CARDOSO, Everton. Jornalismo cultural e cidade: uma perspectiva de Porto Alegre na cobertura do Diário do Sul (1986-1988). In: **Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Rio de Janeiro, 2011.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A Fabricação do Presente**. Aracaju: Ufs, 2005.

HARTOG, François. Time and heritage. **Museum International**, Paris, v. 57, 2005, p. 7-18.

JOHN, Valquíria. Jornalismo Cultural no Sul Do Brasil: análise dos três principais

jornais diários da região. In: **Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Rio de Janeiro, 2011.

KARAM, Francisco. O presente possível do jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v. 2, n. 2, 2005.

MÜLLER, Mariana Scalabrin. O Sabático de O Estado de S. Paulo: observações iniciais sobre o fim de um suplemento literário. In: **Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Brasília, 2013.

MENDES, Giovanna. A fotografia na imprensa e suas propriedades no jornalismo cultural. In: **Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Brasília, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade? In: PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira; ADGHIRNI, Zélia Leal (Orgs.). **Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012, p. 219-241.

OLIVEIRA, Fabrício de. Festa para os olhos e para a razão: notas sobre Poesia no Jornalismo e Jornalismo na Poesia. In: **Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Luís, 2010.

PHRYSTON, Ângela; ROSÁRIO, André Telles do. Manguetown: identidade, cultura e geografia no jornalismo cultural impresso. In: **Anais do II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Salvador, 2004.

PRADO, José Luiz Aidar. O perfil dos vencedores em Veja. **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**. V. 5, n. 2. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas, SP: Papyrus, 1994. V.1.

SANTUARIO, Marcos. Qualidade da Formação em Jornalismo Cultural na Modernidade Líquida. In: **Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Paulo, 2009.

SCHUDSON, Michael. **Descobrendo a notícia: uma história social dos jornais dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

SELIGMAN, Laura. Jornalismo cultural e de variedades – as migrações do conteúdo cultural do caderno Folha Ilustrada nos ambientes impressos e online. In: **Anais do X Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Curitiba, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VOGEL, Daisy; SILVA, Gislene. O acontecimento e a ficção no jornalismo. In: **Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Paulo, 2009.

ZELIZER, Barbie: Memory as Foreground, Journalism as Background. In: B. ZELIZER e K. TENENBOIM-WEINBLATT (orgs.) **Journalism and Memory**. London: Palgrave Macmillan, 2014.